

7.08.99 - Educação.

## DISCURSOS SOBRE O CORPO HUMANO EM LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

Jucenilde Thalissa de OLIVEIRA<sup>1\*</sup>, Jackson Ronie SÁ-SILVA<sup>2</sup>, Fernando Vinícius Pereira de ALMEIDA<sup>3</sup>, Louriane Nunes GOMES<sup>4</sup>, Marcos Felipe Silva DUARTE<sup>5</sup>

1. Curso de Ciências Biológicas Licenciatura, Universidade Estadual do Maranhão – UEMA Campus Paulo VI;
2. Professor Adjunto do Departamento de Química e Biologia da UEMA e Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS;
3. Licenciado em Ciências Biológicas (UEMA);
4. Curso de Ciências Biológicas Licenciatura, Universidade Estadual do Maranhão – UEMA Campus Paulo VI;
5. Curso de Ciências Biológicas Licenciatura, Universidade Estadual do Maranhão – UEMA Campus Paulo VI;

### Resumo:

O presente estudo se trata de uma pesquisa documental que analisa livros didáticos por meio da perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais em Educação. O corpo humano é resultado de processos de ressignificações culturais constituídas através de processos de adequação dos corpos a padrões estabelecidos em um dado momento histórico e social, sendo assim a concepção de corpo além de uma materialidade biológica também é uma construção social que reproduz e propaga diversificados discursos que podem ser veiculados pelos artefatos culturais. Desse modo, viemos conhecer e compreender as ideias e representações sobre o corpo humano inscritas em livros didáticos de biologia do Ensino Médio de escolas públicas de São Luís-MA, por meio da análise qualitativa. Os livros analisados revelaram uma essencialidade biológica dos conteúdos sobre o corpo humano através da valorização de seus aspectos anatômicos e fisiológicos, deixando de incorporar os aspectos culturais de relevância social.

**Palavras-chave:** Corpo Humano; Livros Didáticos; Ensino de Biologia.

**Apoio financeiro:** Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA e Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação – SECTI – MA.

### Introdução:

O corpo humano além de ser uma estrutura biológica sempre foi carregado de significados e simbologias concebidas dentro de construções históricas, sociais e culturais, e, dessa forma, se apresentando de diversas maneiras através dos tempos. As instituições escolares são espaços sociais onde se contextualizam práticas políticas e educativas de uma cultura que forjadas nas relações de poder educam os sujeitos para uma determinada sociedade e, nesse ambiente, assim como em outros espaços se fazem presentes as pedagogias culturais. Segundo Seffener & Figliuzzi (2011), através da organização das instituições escolares, como fonte e distribuição de saberes, “a totalidade do campo educacional é atravessada por questões de poder” e que “guardam relação direta com hierarquias sociais”. E sob a perspectiva dos Estudos Culturais em Educação, entende-se que a escola conduz os indivíduos a uma construção de identidades, e mais do que isso: a educação não é simplesmente mediadora de identidades, ela é ativamente produtora de identidades, posicionando os sujeitos em relação a verdades de raça, sexo, gênero, religião, nação, classe, faixa etária, corpo, etc. (SEFFENER; FIGLIUZZI, 2011). Diante disso, objetivou-se neste trabalho analisar e compreender os discursos, ideias e representações acerca do tema corpo humano inscritos em livros didáticos de Biologia do Ensino Médio.

### Metodologia:

Os livros didáticos utilizados foram catalogados em três escolas do ensino médio de São Luís – MA: Escola Modelo Benedito Leite (Bairro Centro), Fundação Nice Lobão – Cintra (Bairro Anil) e Liceu Maranhense (Bairro Centro). Foram analisadas três coleções, a saber: *SILVA Junior, César da; Sezar Sesson; Nelson Caldini Junior. Biologia. 11º ed. São Paulo. Saraiva, 2013 (possuindo três volumes de livros didáticos do 1º ao 3º ano); CHEIDA, Luiz Eduardo. Biologia integrada: Volume único. São Paulo: FTD, 2003 (com Caderno de Atividades) e LINHARES, Sérgio. Biologia hoje/ Sérgio Linhares, Fernando Gewandszajder. 2º ed. São Paulo. Ática, 2013.* Posteriormente os livros passaram pelo processo de categorização e análise a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa documental (CELLARD, 2008; SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

De acordo com Maria Cecília de Souza Minayo (2010, p. 24) quem trabalha com dados qualitativos não deve se preocupar “em quantificar e em explicar, e sim em *compreender*: este é o verbo da pesquisa qualitativa. *Compreender* relações, valores, atitudes, crenças, hábitos e representações e a partir desse conjunto de fenômenos humanos gerados socialmente, compreender e interpretar a realidade” (grifos da

autora).

A partir da análise dos livros didáticos das três coleções, foram construídas duas principais categorias: “Corpo Biológico”, que compreende o corpo humano através da sua anatomia, funcionalidade ou até mesmo em uma visão mecânica do corpo humano (figuras 1, 2 e 3), e “Corpo Cultural”, que entende o corpo humano através de construções históricas, sociais e culturais (figuras 4, 5 e 6), cada uma possuindo subcategorias (Corpo Biológico: Corpo Estrutural/Funcional, Corpo Saúde/Doença e Corpo Reprodutivo; Corpo Cultural: Corpo Gênero, Corpo Etnia, Corpo Social e Corpo Sexualidade) de acordo com as temáticas que envolviam o corpo humano.

### **Resultados e Discussão:**

Quando se trata do corpo não é possível vê-lo apenas como uma mera materialidade, como algo puramente biológico, pois ele também é constituído dentro da cultura, sendo atravessado por questões sociais historicamente construídas, como afirma Silvana Vilodre Goellner:

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as invenções que nele operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... Enfim, é um limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2008, p.28).

Portanto, nossos corpos são educados por processos que são contínuos e minuciosos, atribuindo formas de ser, sua aparência e comportamento. “Educa-se o corpo na escola e fora dela: na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim em todos os espaços de socialização com os quais nos deparamos, cotidianamente [...]” (GOELLNER, 2010, p.74), desde recomendações no vestuário, postura, aparência, saúde. Estamos sob constantes influências, sem mesmo nos darmos conta, pois nos parecem “naturais”, que são na realidade facetas dos produtos culturais. E o que acontece se não nos portamos segundo essas condutas? São assim que se revelam os preconceitos presentes na sociedades, através da diferenciação dos indivíduos “adequados” e “não adequados” às instâncias sociais ou padrões sociais.

Segundo Moreira; Silva (2002) precisamos desnaturalizar e historicizar os currículos de nossa educação para que se constitua um novo arranjo referencial, que seja multicultural e que possa analisar e criticar os processos discriminatórios presentes em nossa sociedade, e para tanto a educação nas escolas devem constituir:

[...] um espaço onde as novas gerações se capacitem para adquirir a analisar criticamente o legado cultural da sociedade. As salas de aula não podem continuar sendo um lugar para memorização de informações descontextualizadas. É preciso que o alunado possa compreender bem quais são as diferentes concepções do mundo que se ocultam sob cada uma delas e os princípios e os problemas da sociedade que a pertencem. Uma pedagogia antimarginalização precisa levar em consideração as dimensões éticas dos conhecimentos e das relações sociais. É preciso que as instituições escolares sejam lugares onde se aprenda, mediante a prática cotidiana, a analisar como e porque as discriminações surgem, que significado devem ter as diferenças coletivas e, é claro, individuais (SANTOMÉ, 1995, p. 176-177).

**Figura 1, 2, 3:** Representação das categorias “Corpo Estrutural/Funcional”, “Corpo Saúde/Doença” e “Corpo Reprodutivo”, respectivamente.



Fonte: 1:CHEIDA, 2003, p. 267; 2:SILVA, 2013, p. 154; 3:LINHARES, 2013, p. 83.

Figura 4, 5, 6: Representação das categorias “Corpo Gênero”, “Corpo Social” e “Corpo Etnia”, respectivamente.



Fonte: 2: SILVA, 2013, p. 232; 2:SILVA, 2013, p. 79; 2:SILVA, 2013, p.63.

A partir da análise dos livros didáticos das três coleções, conseguimos perceber que os discursos sobre o corpo humano são predominantemente apresentados numa perspectiva essencialmente biologicista, através do estudo da sua constituição, funcionalidade, processos de adoecimento, reprodução, apresentando muitas vezes manutenções de estereótipos, principalmente de gênero. O conteúdo sobre corpo humano nos livros didáticos analisados se limitou ao estudo do corpo na sua materialidade, legitimando a um discurso biológico e medicalista para as relações humanas, deixando assim de incorporar aspectos sociais importantes como, questões de classe, raça, religião, gênero e sexualidade que sob um aspecto histórico também atribuem valores e significados diversificados ao corpo humano.

**Conclusões:**

Nos livros analisados foi observada uma prioridade do estudo do corpo humano para o viés biológico e com uma menor representação de um corpo humano voltado aos aspectos socioculturais, principalmente em conteúdos de gênero e sexualidade, estando ausente ou sendo representados na maioria das vezes na forma de imagens e ilustrações descontextualizadas e simplistas. É perceptível um esforço em trazer uma maior representatividade feminina e de aspectos sociais nos livros, porém, é necessário que se faça uma análise mais cuidadosa das imagens, já que podem acabar por construir estereótipos. Trazer os aspectos socioculturais juntamente com os conteúdos biológicos tornará os livros mais abrangentes e inclusivos e complementar a formação dos alunos como cidadãos críticos e reflexivos.

**Referências bibliográficas**

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHEIDA, Luiz Eduardo. **Biologia integrada: Volume único & Caderno de atividades**. São Paulo: FTD, 2003.

GOELLNER, S.V. **A educação dos corpos, dos gêneros, das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. Cadernos de Formação RBCE, 2010.

GOELLNER, S.V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LINHARES, Sérgio. **Biologia hoje/ Sérgio Linhares, Fernando Gewandszajder**. 2º ed. São Paulo. Ática, 2013.

MINAYO, M.C.S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C.S. (org.); DESLANDES, S.F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOREIRA, A.F.; SILVA, T.T. (Org.). **Currículo, Cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2002. In: OLIVEIRA,

- Anna Luiza Araújo Ramos Martins de. Os estudos Culturais e a questão da diferença na educação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 34, n. 20, p. 33-62, jan./abr. 2009.
- SÁ-SILVA, J.R; ALMEIDA, C.D; GUINDANI, J.F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, ano I, n.1, jul., 2009.
- SAMTOMÉ, J. T. As culturas e silenciadas no currículo. In: SILVA, T. T. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SEFFENER, F.; FIGLIUZZI, A. **Na escola e nas revistas: reconhecendo pedagogias do gênero, da sexualidade e do corpo**. Salvador, n. 19, p. 45-59. Jan/Jun. 2011.
- SURAYA, C.; CONCEIÇÃO, I. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**, São Paulo: EPU, 2005.